



# Cinema

Ano 1º  
N.º 19

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço  
1,00

Na Capa:— Pierre-Richard Willm e Louise Lagrange, no filme «Escorregar não é Cair».

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bomjardim, 436-3.  
PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS

Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ulamar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

TRES FUTURAS ESTRELAS:— Vocês estão enganadas! O Ronald Colman não conhece a Lilian Harvey. Ah, que se conhecesse e o Willy Fritsch deixasse, talvez o Ronald não estivesse solteiro! Até eu, se não fosse por medo ao Willy... O quê, eu casado? Por enquanto, não! Estou à espera dum respotasinha da Kate de Nagy...

1.<sup>a</sup> — Lilian Roth é solteira. 2.<sup>a</sup> — O que era a Anny Ondra antes de ser estrela? Não era nada. Ela já nasceu estrela. 3.<sup>a</sup> — Charles Rogers continua solteiro.

Agora, tambem posso fazer uma pergunta? E as minhas «3 futuras estrelas», tambem são solteiras? E qual é a que tem maior dote? E' cá para uma coisa, se a resposta da Kate de Nagy for negativa!...

JE T'AIME D'AMOUR, MARLENE:— Só no escritório do «Trindade» lhe poderão arranjar os programas que lhe faltam, se lá os houver, é claro. Brigitte Helm, Berlin-Dahlem. Im Winkel, 5, Alemanha. Claudette Colbert, «Paramount Publix Studios», Hollywood, Califórnia. Greta Garbo está fazendo «As You Disire Me», e continua nos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer», em Culver City, Califórnia.

MARIMÉLIA:— E' verdade, sim. O Henry Garat casou com a bailarina Betty Rowe, uma das Rowe Sisters. Tenha paciência, Marimélia! Eu tambem sofri muito quando soube do que havia entre a Lilianzinha e o Willy Fritsch!...

ALBERTO BARRADAS:— O Adolph Menjou apareceu em «O Gaião de Meu Pai», em francês e em «Vida Fácil», em inglês. Tem muita razão, e Lily Damita, a-pezar-de ter vivido muitos anos em Portugal, é francesa. Onde é que se disse que era portuguesa? Se tem lido com atenção esta simpática (pelo menos, pela minha parte) revista «Cinema», já devia ter visto que Clara Bow vai filmar, sob os auspícios da «Fox», uma fita que tem os titulos provisórios «Chamem-lhe Selvagem» ou «A Selvagem dos Cabelos Avermelhados». Que titulo, Santo Deus! Parece dum filme em episódios, com a Pearl White ou a Grace Cunard! Mas deve estar mesmo a calhar, para a Clarinha!... Não senhor, a Marlene não tem sofrido desgostos pelas comparações com a Garbo! Ela bem sabe que o público não ignora o seu valor! Esta

## Correspondência

gente das revistas é que as mete às bulhas...

Só cá tenho mais uma carta sua, para responder. Pode escrever mais. O director, que além de ser cinéfilo é tambem filatélico, diz-me para lhe pedir a remessa de alguns selos usados de Angola, que o meu Amigo mandaria colados aos bocados dos respectivos envelopes. Compreendeu? Se não é muita maçada, faça-lhe a vontadinha! Se não, ele não me larga e é capaz de me reduzir ao ordenado!

Obrigadinho, ó Barradas!

P. S. — Os selos podem ser mesmo daqueles muito antigos!...

FERNANDO COUTO:— «Noites de Viena», que ainda não se estreou em Portugal, tem como principais intérpretes Vivienne Segal, Alexander Gray, Walter Pidgeon e Louise Fazenda. Vivienne Segal entrou em «A Noiva do Regimento», que já passou em Lisboa mas não se estreou no Porto.

FLOR DO CAMPO:— Não desgosto género. Ainda não vi nenhuma fita de Lyen Deyers nem Renate Mueller, que são, sim senhor, duas atrizes de grande cotação na Alemanha. De Maria Paudler já vimos algumas fitas silenciosas e veremos, não sei se ainda esta época, «O Capitão de Corveta», com Harry Liedtke. Mas não fale muito na Maria Paudler, se não os olhos do director começam a humedecer-se...

YOU WERE MEANTE FOR ME, NORMA:— Pode ser, mas não me parece! E o Irving Thalberg, não se conta? 1.<sup>a</sup> — Se ela fará filmes falados? Então que cinéfilo é você que não viu «Divorciada»? 2.<sup>a</sup> — Não sei se mudou de casa. Escreva-lhe para «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, California, e veja se consegue um quarter (25 cents) em selos americanos para lhos mandar dentro da carta. 3.<sup>a</sup> — O Douglas Fairbanks ainda não é avô, o que quer dizer que o casal Crawford-Douglas Jr. ainda não tem nenhum filho.

BYE, BYE, GARAT:— Estamos aqui, estamos todos a falar inglês, só como o auxilio dos pseudónimos... Parece-me que ainda ha pouco dei os

nomes das fitas de ELE. No entanto, elas ai vão: «Nos Maitres les Domestiques», «Les Deux Mondes», «O Caminho do Paraíso», «Flagrante Delito», «A's Ordens de Vossa Alteza», «Margem Esquerda», «Delphine», «O Congresso que Dança», «Il est Charmant» e «Dois Corações a Compasso». Está agora em Berlim, na Pension Impériale, mas reside habitualmente em Paris, 64, rue Nollet (17me.).

AMO A LILIAN:— Já sei o titulo original de «O Contrapêso». E' «Excess Baggage», e é, de facto, Josephine Dunn a primeira actriz, com William Haines. Não me lembro do titulo original de «A Rapariga do Volga». A protagonista é Evelyn Holt, uma linda actriz alemã que estamos pouco habituados a vêr. De «Direito de Amar», com Greta Garbo é «Right to Love» e de «Herois do Ar», com Ramon Novarro é «Flying Fleet». E' melhor escrever em francês à Lilian.

ANTONIO R. SOUZA:— Ken Maynard está com a «Tiffany». Atualmente interpreta «Hell Fire Austin». Escreva-lhe para 7250 Santa Mónica Blvd., Los Angeles, Calif.

AFONSO QUINTO, O BOLONHÊS:— Bravo, você em questões de História, mete o Herculano e o Pinheiro Chagas num chinelo! Você, em História e um irmão que eu tenho, em Cinema! Está sempre a perguntar-me quando é que vem outra fita daquele grande actor Menichelli...

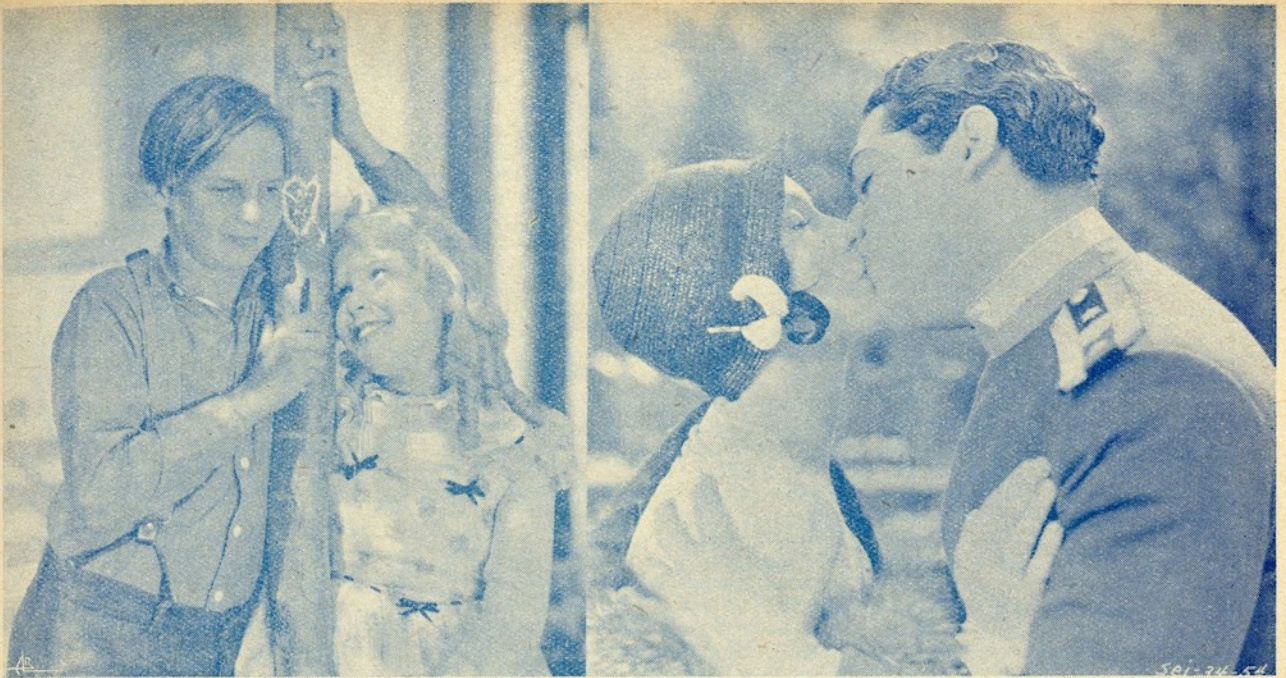
1.<sup>a</sup> — Norma Shearer faz anos (28) em 10 de Agosto.

2.<sup>a</sup> — Greta Garbo nasceu um ano, um mês e oito dias depois. 3.<sup>a</sup> — Jean Harlow é ainda uma criança. Fez 21 anos em 3 de Março passado, e vai fazer 22 em 3 de Março de 1933...

UMA SAUDOSA:— Tambem eu ando saudoso, à espera do outro filme da Sylvia Si... (alto, que já me esquecia!) Richard Dix com a «Radio», Tom Mix com a «Universal» e Willy Fritsch com a «Ufa».

PREGUNTÃO-MÓR:— No concurso da «Film Daily», de 1931, «Cimarron» ficou em primeiro lugar, seguida de «Street Scene», «Skippy», «Bad Girl», «Min and Bill», «Front Page», «Five Star Final», «City Lights», «A Free Soul» e «The Sin of Madelone».

(Continua na página 14).



À esquerda, Jackie Coogan e Miltzi Green em "Aventuras de Tom Sawyer", da "Paramount", o primeiro fonofilme do pequeno "garoto de Charlot". À direita, José Mojica e Conchita Montenegro numa cena (e que cena!) de "O Príncipe que Nunca Amou", da "Fox". Que nunca amou? Nem parece!...

## O Cantinho dum Cinéfilo

Dizia eu, no número passado, que a época 1931/32 estava a chegar ao seu termo e que os olhares se voltavam já para a temporada vindoura de 1932/33.

E, como tal, não será descabido perguntar agora se os nossos exibidores da provincia, os cinemas portugueses que ainda não estão equipados para sonoro, atentaram na aproximação da nova época e se já pensaram na instalação das suas salas. Suponho que não quererão passar mais um ano a apresentar ao seu público velharias do silencioso, já vistas e revistas, a torturar os seus frequentadores com as "Aventuras de Eddie Polo" ou "A Seita Tenebrosa", ou mesmo com produções de mais recente feitura mas nem por isso menos vistas nem menos pregadas com alfinetes...

Se, a-pezar do sonoro, as diversas casas produtoras continuassem fornecendo os mercados de novos filmes silenciosos, se a produção muda continuasse existindo, no mesmo nível qualitativo que atingira quando o sonoro lhe entrou a marcha e a vida, ainda justificado estava e admissível era que muitos cinemas se recusassem à instalação de aparelhagem de reprodução sonora. Havia filmes silenciosos, de moderna produção, havia, logicamente, publico que o apreciava, que o preferia, até, evitava-se o dispendio do material sonoro, e, portanto, a atitude desses cinemas seria aceitável, naturalíssima.

Mas agora, que o fabrico de películas silenciosas acabou de vez; que já está esgotado o *stock* das fitas mudas com que os nossos alugadares ainda alimentavam os cinemas não equipados; que a concorrência de fábricas de aparelhos ("Western", "Klang", "Phototone", "R. C. A.", "Bauer", "Universal", etc.) colocou no mercado máquinas de lisongeiros resultados a preços muito inferiores aos de ha dois anos, quando o cinema sonoro veio pela primeira vez a Portugal, por que esperam os donos dos cinemas ainda não equipados?

E se ainda lhes é materialmente difícil fazer instalação sonora, então só lhes resta fechar a porta, ou continuar exibindo "A Vida de Cristo" ou "Fátima Milagrosa".

O que seria muitíssimo lamentável.



A Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses, diz-nos um mais feliz colega de Lisboa (porque nós continuamos a não receber quaisquer informes dos dirigentes ou organizadores daquela sociedade) val passar a chamar-se "Tobis Portuguesa".

Isso quer dizer que a grande marca alemã "Tobis" se associou à "S. F. S. P.", que ficará, de certo, a ser, como a "Société des Films Sonores Tobis", uma subsidiária daquela marca alemã.

Já estou daqui a antever os protestos clamando pela independência da produção portuguesa e afirmando, naturalmente, que tal ligação representará a desnacionalização da nossa produção, e quejandos desabafo de balofos e cómodos patrioteiros.

Eu cá, não! Para mim, a intervenção da «Tobis» nos assuntos da «S. F. S. P.» é o que de melhor poderia suceder à nova empresa portuguesa, que assim vê extraordinariamente facilitada a sua tarefa, a pesadíssima tarefa da instalação e organização, de escolhos inumeráveis, de elevadíssimas muralhas a transpôr, só desconhecidas daqueles que nunca visitaram um estúdio nem acompanharam de perto a execução duma película, nem fazem idéa do que seja pôr de pé uma empresa de produção de filmes — de filmes sonoros.

A sorte vem de encontro aos organizadores da "S. F. S. P.", talvez mesmo deixando de ser o factor sorte para ser a consequência lógica do esforço que teem dispendido. Se já havia grande confiança nos elementos que se abalçaram à fundação daquela sociedade, se tais nomes eram já uma garantia para o êxito da nova empresa, a colaboração interessada da "Tobis" vem cimentar mais ainda tais esperanças, radicar bem firme as possibilidades da produção de fonofilmes portugueses no nosso país.

Não falemos só no auxílio material que representa a instalação da aparelhagem sonora, sem necessidade — creio-o — de dispendir desde já a importância do seu elevado custo. Olhemos, tambem, a valiosa colaboração técnica na construção do estúdio e na produção dos filmes portugueses, bem diferente e bem mais profícua, desde que a "Tobis" está directamente interessada nessa construção e nessa produção, do que se esses técnicos viessem para cá por contrato, como simples assalariados a tanto por semana ou por mês.

Eu rejubilo com a intervenção da "Tobis" na construção do estúdio nacional e a sua interferência na produção dos filmes. Se as probabilidades da "S. F. S. P.", graças aos nomes dos homens que dela se encarregaram, eram grandes, as da "Tobis Portuguesa" passam a ser enormes, deixam os domínios das possibilidades para entrarem no campo seguro das realidades.

Já por mais que uma vez nos temos referido aos honorários dos artistas de cinema; justifica-se, porém, a insistência, visto que, em cinema como na vida, o dia de hoje não é igual ao de ontem.

No firmamento de Hollywood, ha também «estrelas» que se apagam e «estrelas» que aparecem inopinadamente, para assombro dos astrônomos da Cinedândia.

Por outro lado, os que eram ha um ano «estrelas» de primeira grandeza, perdem-se hoje na confusão das nebulosas. Todas as paixões teem um fundo de leviandade, e toda a idolatria está exposta à inconstância. Ha hoje seres obscuros que foram ontem ídolos. E as primeiras conseqüências destes vaivens da glória projectam-se nas listas dos «studios», pois não devemos esquecer que Hollywood fica na América do Norte.

Veja o leitor como as coisas mudaram ha quinze anos.

Os horizontes do cinema começavam então a alargar-se e os honorários não eram, nem por sombras, o que são hoje. A melhor remuneração recebia-a Mary Pickford, que ganhava 2.000 dólares semanais. Entre os actores dramáticos, o vencimento mais elevado era de 1.000 dólares, e recebia-o Frank Keenan. Chaplin ganhava a mesma coisa. E não parece hoje extraordinário que o famosíssimo Chaplin recebesse importância igual á do esquecido Keenan?

Cinco anos depois, as coisas tinham mudado muito. Nessa época, a rainha da lista era a Nazimova, a quem a «Metro» pagava 12.000 dólares semanais. Vinham a seguir, com 10.000 dólares cada uma, duas artistas cujo nome nunca tinham ouvido pronunciar os nossos leitores: Elsie Ferguson e Geraldine Farrar.

## Os honorários dos Artistas de Cinema

Jonson que levára a palma com meio milhão de dólares por ano.

Mary Pickford assumia então a direcção da companhia em que trabalhava e conseguiu reunir uns 500.000 dólares anuais. Charlie Chaplin obtinha os mesmos lucros e perto dessa cifra andavam Norma Talmadge e Anita Stewart.

Billy Hart, o ídolo das almas simples, o célebre vaqueiro de Oeste, também não tinha razão de queixa: em duas temporadas, reuniu 900.000 dólares.

Recebiam também bons honorários, ha dez anos, Margarita Clack, Pearl White, Paulina Frederick e a malograda Mabel Normand; mas nenhuma atingia os 5.000 dólares semanais.

Betty Compson, Glória Swanson, Florence Vidor e Lois Wilson ganhavam pouco: uma coisa como 500 dólares por semana.

Cinco anos depois, isto é, em 1925, as coisas sofreram outra vez novas mudanças. O novo astro Harold conseguiu reunir, num ano, 1.500.000 dólares; o par Douglas-Mary alcançou, em igual tempo, a cifra de 2.000.000 de dólares, e Chaplin e Norma Talmadge 1.000.000 cada um.

A' frente dos honorários individuais figurava então Tom Mix, que ganhava 15.000 dólares por semana. Lillian Gish, Glória Swanson e Tomaz Meighan recebiam 8.000 dólares cada um. Seguiam-se Pola Negri com 5.000. Bárbara La Marr e Corinne Griffith tinham de contentar-se com 3.000 cada uma; Lon Chaney com 2.500 e Ramon Novarro com 2.000 dólares. No ano anterior, fôra Al

Os artistas que ao mesmo tempo são empresários atravessam certa crise se compararmos os seus actuais lucros com os de ha cinco anos. No ano passado, Harold obteve 700.000 dólares; Douglas e Mary 500.000 cada um; Norma Talmadge 250.000 e igual importância o grande Charlot. Quanto a este último, explica-se a descida económica pela grande lentidão com que produz as suas películas. Quanto aos outros, deve-se sem dúvida a diferença aos transtornos trazidos ao negócio cinematográfico pela conversão do mudo em sonoro.

John Barrymore recebe 150.000 dólares por cada película que faz.

Entre os novos astros do «écran», que mais recebeu foi o tenor irlandês John Mac Cormack, a quem deram 50.000 dólares semanalmente durante dois meses e meio que durou a filmagem da opereta «A canção da minha alma», da «Fox»; Lawrence Tibbett ganhou 75.000 dólares por filmar «A canção do Bandido», George Arliss, o protagonista de «Disraeli», recebe por película 50.000 dólares.

Os últimos honorários de que temos notícia, e referentes a Nancy Carroll, Gary Cooper, Richard Arlen, John Boles e Buddy Rogers, são de 1.000 e 1.500 dólares semanais.



Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald em «Uma Hora Contigo», o novo fillme da «Paramount», realizado por George Cukor, produção Ernst Lubitsch. Uma hora com a Jeanette MacDonald! O' Chevalier, isso não será muito pouquinho?

Ramon Novarro, Norma Shearer, Ronald Colman e Richard Dix recebem actualmente 5.000 dólares; Wallace Beery e William Haines 3.500; Janet Gaynor e Edmund Lowe 3.000.

O vencimento de Greta Garbo é um enigma. Sabe-se apenas que começou a ganhar, quando chegou da Europa, 350 dólares semanais. Hoje ganha incomparavelmente mais; supõe-se que 6.000 ou 7.000 dólares por semana.

Clara Bow, tam popular e adorada, recebia apenas 4.000 dólares. Vê-se que tem mais encantos do que sorte.

Ha muitas «estrélas» cujos honorários não podemos citar, porque se empenham em ocultá-los. Será porque recebem menos do que antes e o seu amor próprio lhes impõe silêncio?

E' provável que assim seja, visto que, como o leitor deve ter reparado, os honorários tendem a decrescer, comparando-os com os de anos antes, que eram fabulosos.

Mas que as «estrélas» se consolem. São os efeitos da crise mundial, crise que, por instinto de conservação, havemos de resolver, e voltará a haver então um casal como o de Douglas-Miry, que ganha milhões de dólares num ano.

J. B. VALERO.

## O PREÇO DA GLORIA

Todos veem a «estréla» do cinema areolada de glória e de brilho... Conhecem-na celebre, feliz, invejada... E' o lado belo da medalha de mil reflexos!

Na sua torre, que cada um imagina ser de diamante, o artista-idolo é adulado e rico, um tanto altivo. «Ela» tem a arrogância deliciosa das castelãs da Renascença: «ele tem a audácia dos Bayard e dos bravos.

Mas adivinhará alguém os numerosos inconvenientes que os apoquentam e as exigências a que a sua popularidade os prende?

Organiza-se um sarau de beneficência, um baile ou um concerto a favor duma obra de caridade. E logo as vedetas do *écran* são solicitadas para venderem o programa e até para aparecerem em cena.

Jean Murat recebe muitas cartas a pedir-lhe, alem da fotografia, somas em dinheiro às vezes importantes.

— Recebi um dia, — confidenciou-me ele —, uma carta dum inventor que descobrira uma formidável modificação no motor do automóvel. Para a pôr em prática, só lhe faltava a bagatela de duzentos mil francos. Declarava-me êle: «Sei que o senhor ganha somas fantásticas no cinema e que alem disso é um apaixonado pelo desporto automobilístico. Por estes dois motivos, não me recusará o seu auxílio, tanto mais que ficará ligado ao êxito e ao triunfo da minha invenção».

Albert Préjean  
rece-

beu durante um mês e pelo menos três vezes por semana cartas dum individuo que conhecia um tesouro escondido na Espanha e de que ninguém mais sabia. Só lhe faltavam cinquenta mil francos para se apoderar dele, e pedia ao Intérprete de «Un soir de rafle» («Uma noite de Rusga») e de «A Amorosa Aventura» que lhe adiantasse aquela importancia. Em face da sua insistencia e para se ver livre do homem, Albert Préjean comunicou-lhe que o indicaria à policia. Desde então, nunca mais ouviu falar no pesquisador de tesouros.

Jim Gerald, cuja original carruagem é conhecida em toda a cidade de Paris, é solicitado pelos possuidores de velhas carriganas, que pretendem desfazer-se por preço favorável das suas mercadorias.

Como um jornal noticiasse que um dos passatempos favoritos de Jean Dehelly era errar pelos cais em busca de velhos alfarrábios, os seus admiradores e admiradoras ofereceram-se para lhes venderem as suas bibliotecas. O pobre Dehelly ficou maluco, tanto mais que os representantes de livrarias aproveitaram tambem o ensejo para o visitarem.

Roland Toutain, a-pesar de ter chegado ha pouco à categoria das «estrélas», não goza da descanso. Desde a sua criação de Rouletahille, o simpático acrobata é diariamente solicitado pelos chefes de publicidade das firmas comerciais. Disse-me, num suspiro:

— Só num dia recebi oito cartas deste género: uma para um sabão de barba, a segunda para uma marca de mantelga, a terceira para ligas elásticas, a seguinte para uma nova marca de cigarros, a quinta para um camiseiro, a sexta para artigos desportivos, a sétima para outra marca



Aqui vemos a nossa quasi compatriota Lily Damita com o «simpatiquissimo» Eric Von Stroheim na recente fita da «RKO-Radio», «Juraram Esquecê-la», que é nem mais nem menos do que «A Esfinge Falou», do nosso camarada Dekobra.

de cigarros e a última para um negociante de saxofónos. Veja a diversidade dos meus correspondentes; todos me pediam para ir a um fotógrafo, num dos dias a seguir, deixando-me fotografar a fumar cigarros, ou a tocar saxofónio — o que em boa verdade não poderia fazer — ou a comer bolachas. Emfim, já vê que o ofício de artista tem as suas exigências.

Suzy Vernon, desde o início da sua carreira, tem sido solicitado por mais de duzentas casas de produtos de beleza. A encantadora artista declarou-nos que até agora assinou mais de mil fotografias elogiando dentifícios ou águas de colónia.

Pelo contrário Raquel Devirys teve um dia uma surpresa desagradável. Passando diante da montra dum gabinete dentário, qual não foi o seu espanto ao reconhecer-se numa fotografia animada. Uma das imagens apresentava-a sob o seu aspecto habitual; mas a outra, que horror! quando dava um passo mais, mostrava a simpática vedeta meia des-



Jean Murat recebe constantemente cartas a pedir-lhe fotografias e dinheiro...

dentada. Raquel Devirys, que não tinha dado por nada, zangou-se e tentou um processo ao chefe de publicidade que tinha cometido um abuso.

Annabella não escapa à regra. As solicitações em volta dela não tem conta. Em geral, reclamam-lhe fotografias e dedicatórias; mas alguns não se ficam por aí. E, assim, certo dia, recebeu a visita dum rapariga que à viva força queria ceder-lhe um «atelier» de costura.

Biscot recebeu muitas vezes impressionantes cartas de crianças. Algumas, na sua maior parte infelizes, manifestam o desejo de abandonar um pai brutal, para irem viver ao lado do artista, que tendo-as feito rir, lhes proporcionara o seu único momento de alegria.

André Roanne teve de ser à força herdeiro dum admirador apaixonado, que lhe legou uma pequena concessão na África austral. O admirador que, antigamente andara em cata das aventuras, declarava que durante mais de vinte anos

tinha revolvido a terra em todos os sentidos, sem descobrir nela o menor vestígio de diamantes, mas esperava que o seu herdeiro fosse mais feliz do que ele. André Roanne espera o fim da sua carreira artística para se dirigir ao Transvaal...

Os artistas de cinema não recebem apenas pedidos de dedicatórias e de comenditas. Também lhes não poupam as ofertas de casamento.

Quere sejam vedetas masculinas ou femininas, os artistas encontram quasi quotidianamente no seu correio declarações inflamadas dum admirador ou dum admiradora, oferecendo-se para participar da sua vida de alegria ou de tristeza.

Na América, a audácia dos correspondentes dos artistas é extrema. Não recuam diante de nenhuma excentricidade e as suas solicitações repetidas tornam-se numa obsessão irritante.

Um dia, Norma Shearer recebeu dum rapariga totalmente desconhecida a seguinte carta:

«Reconheci a, apesar dos seus vestidos e da sua maquilhagem excêntrica. Não ignoro que é minha irmã e aviso-a de que já é muito tempo de voltar para casa. Nosso pai está doente e eu encontro-me sem trabalho. O seu lugar é em nossa casa e não a andar em folias pelos «dancings» de Hollywood. Embora rivesse mudado de nome, reconhecêmo-la.»

Norma Shearer julgou tratar-se dum gracejo até o dia em que foi abordada pela autora da carta. Esta reiterou as suas imprecações, e Norma Shearer, para se ver livre dela, teve de pedir a um dos seus amigos que intervisse.

Os comerciantes de Hollywood tem vários preços para as suas mercadorias. Estas, quer se trate de artigos de mercadoria ou de flores, de carne de talho ou de roupa da engomadeira, são vendidos por dois preços diferentes, segundo o cliente é um particular modesto ou uma «estrêla» de renome. Mas não se julgue que estas beneficiam dum preço de favor; pelo contrário, é para elas que os preços são aumentados. Com efeito, os negociantes descobriram que os artistas mandam fazer as compras geralmente por empregados ou ignoram os preços correntes. Porque se não há-de aproveitar do ensejo? Nancy Carroll observou um dia que os vestidos que mandava ao tintureiro lhe eram facturados mais caros que os da sua secretária. Desde então, mandou os vestidos em nome da sua colaboradora, rindo-se do espanto do tintureiro em face do número imponente de vestido e peiças que possuía uma modesta secretária.

Um dia, Richard Dix foi solicitado por um grupo de cultivadores dos arredores de Santa Mónica, que lhe pediram que presidisse ao festival da uva. Não podia recusar, porque no ano antecedente Richard Arien aceitara aquela honra. Richard Dix, sob as indicações do chefe de publicidade da firma para a qual filmava, teve de fazer no dia seguinte, durante oito horas, excentricidades em cima dum carro atirando caxos de uvas aos admiradores, que acudiam em multidão.

Ramon Novarro recebeu um dia no «studio» a visita dum viveirista, que levava um grande e esplêndido ramo de rosas.

— Estas flores, — declarou o visitante —, são da minha criação; gastei nove anos para as obter. Permita-me que lhes dê o seu nome. Se consentir, terei tantas encomenda que não haverá maneira de as satisfazer todas.

Ramon aceitou; no mês seguinte, não havia um jardim em Los Angeles e arredores onde se não encontrasse um rosal Ramon Novarro. O viveirista é hoje multimilionário.

Charles Ray soube um dia que um desconhecido se fazia passar por seu primo Albert, que trabalha na «Fox». Deu pela coisa a tempo, visto que o pretendo parente tinha já aberto um crédito no banco do célebre Charlie. Felizmente o autêntico Albert conseguiu por termo às façanhas do aventureiro.

Mas quem é mais digno de lástima é Charlie Chaplin. Quando se encontra na Califórnia, almoça muitas vezes num pequeno restaurante de Hollywood. Se consegue acabar a sopa com tranquillidade, é para estar logo à roda da mesa muitos



Albert Préjean, que, não ligando importância a cartas recebidas, desprezou um valioso tesouro que pouco lhe custaria a adquirir...

curiosos que, a pé, imóveis e olhos abertos, o olham atentamente.

Avança uma mão e aponta ao rebento a grande vedeta.

— Olha, filho, olha o sr. Chaplin.

E, voltando-se para este acrescenta:

— Sim, sr. Chaplin, quero que meu filho mais tarde possa dizer que o viu em carne e osso.

Chaplin, arreliado, esboça um sorriso, acaricia a cabeça do caralho e mergulha outravez o nariz no prato.

Concluamos, se assim o quiserem, que o cinema é um carrasco de gloria e que as suas exigências são espantosas. Bastante triste, bastante sombrio o reverso da medalha... O fardo é mais pesado do que se julga.

A celebridade é uma riqueza sedutora, mas que muitas vezes se torna incômoda.

G. TROUVAL.

## «Sangue e Areia» em fonofilme

«Sangue e Areia», a conhecida obra de Blasco Ibañez que a «Paramount» produziu há anos com Rodolfo Valentino como protagonista, vai ser levada ao cinema sonoro pela mesma casa, com Tallulah Bankhead e Cary Grant como protagonistas. Richard Wallace será o realizador.

## Ouvimos dizer...

que o título provisório do filme «O Cadete do Amor», com Dolly Haas e Gustav Froelich foi substituído por «O Tenente do Amor».

que esta fita se estreia na próxima segunda-feira no «Tivoli», de Lisboa.

que na semana seguinte passará no «Trindade», do Porto.

que, por tal motivo, foi adiada para meados de Junho a exibição de «O Príncipe que nunca Amou», o melhor filme de José Mojica.

que o «São João-Cine» já não instala o aparelho «Philisonor».

que é quasi certa a instalação dum aparelho «R. C. A.».

que a um conhecido e antigo alugador lisboeta foi oferecido a preferência na exploração do «Eden», de Lisboa, em construção.

que os dirigentes da «S. F. S. P.» andam radiantes com o êxito das negociações entabuladas com a «Tobis».

## «Viva a Liberdade», em Nova-York

«A' Nous la Liberté» o filme de René Clair que não será exibido em Portugal, estreou-se na terça-feira, 17 do corrente, em Nova-York, no cinema «Europa», sucedendo a «O Tenente do Amor», com Dolly Haas e Gustav Froelich.

## M.<sup>me</sup> Jacques Edelstein

Acabamos de saber que faleceu no dia 12 do corrente, na sua casa de Barcelona, com a idade de 28 anos, a esposa do nosso amigo Sr. Jacques Edelstein, o activo e simpático director geral da «M-G-M» para Portugal e Espanha, que ha tempos tivemos o prazer de cumprimentar em Lisboa.

A Jacques Edelstein enviamos a expressão sincera do nosso mais sentido pesar.

que os delegados da «Tobis» que foram a Lisboa, vão também a Espanha para tratarem de negociações idênticas com empresas espanholas.

que se trata dum vasto plano de expansão daquela casa alemã, para fazer frente à «Western Electric».

que os principais filmes da «M-G-M» para a próxima temporada serão «dobrados» em francês.

que alguns desses filmes tem sido exibidos com êxito em França.

que Dolly Haas, interessante actriz alemã, vai conquistar as simpatias dos nossos cinéfilos com o filme «O Tenente do Amor».

que ainda não ha resposta alguma sobre a representação que os empresários dos cinemas portugueses dirigiram ao ministro das Finanças, sobre a redução do Imposto.

## Lilian Harvey vai para a América

Lilian Harvey acaba de firmar contrato com a «Fox», devendo seguir para Hollywood logo que termine o seu contrato com a «Ufa», pelo qual terá ainda que interpretar mais duas ou três fitas para aquela firma alemã.

Ha já algum tempo que Lilian Harvey vinha mostrando desejos de trabalhar na América, resolvendo-se agora a aceitar as propostas da «Fox».

Lilian Harvey sai amigavelmente da «Ufa», a qual já pensa substituí-la por Rosel Barsony, uma atriz de opereta muito popular em Berlim.

que era conveniente insistir no assunto, porque os cinemas continuam sufocados com encargos e... aliviados de público.

## Uma sessão gratuita aos leitores de «CINEMA»

Em fins de Junho próximo, realizar-se-á, no «Salão Jardim da Trindade», uma matinée gratuita, dedicada aos leitores de «CINEMA».

Num dos próximos números daremos mais amplos informes sobre este assunto de grande interesse para a «numerosa família» que formam os leitores desta Revista.

A' Ex.<sup>ma</sup> Empresa do «Trindade», pelas enormes facilidades que nos proporciona para este fim, os nossos agradecimentos.

Gustav Froelich,



o conhecido actor alemão que veremos muito em breve na interessante opereta «O Tenente do Amor», ao lado de Dolly Haas, uma garota que tu, leitor, ainda não conheces, mas da qual te vemos já preso pela beicinha...

## Alguns segredos de beleza revelados às leitoras de «Cinema»

Já algumas vezes foi notado que certos cronistas mundanos são uns verdadeiros «botas-de-elástico» e que algumas senhoras que pontificam em revistas de modas femininas com pseudônimos adocicados são velhas rabugentas também apegadas às botinas de botões de antes da guerra... Do mesmo modo, muitos conselhos de beleza são dados por senhoras que teriam grande interesse em aplicar o método que preconizam, — se ele é tam eficaz como apregoam...

Dêste modo, não viríamos para estas páginas a dar conselhos de beleza se não tivéssemos descoberto os segredos de beleza de algumas das mais bonitas mulheres da nossa época... A Fernanda, a camarada da «Imagem», é bonita e simpática como «Um Sonhador» afirmou... Até parece a Madge Evans... Mas a pobre da Maria Eduarda não merece êsses elogios...

Comecemos, pois, e com um certo ar doutoral...

Minhas senhoras... — Sim, êste artigo dirige-se às mulheres, exclusivamente às senhoras... As receitas de beleza e as receitas de cozinha não se destinam aos homens, que devem apreciar o veludo da cutis ou o sabor dum bom petisco sem procurar saber como êle se obteve... — E' necessário que V. Ex.<sup>as</sup> saibam que se o verão é uma das mais agradáveis estações do ano, — por causa do sol, das férias, dos vestidos claros e dos dias que se eternizam até às dez horas da noite —, é também a estação menos favorável ao «charme» feminino.

Primeiro, no verão é muito difícil dissimular certas pequenas imperfeições que no inverno mal se percebem. As senhoras que não são idealmente esbeltas deverão ter cautela com os vestidos transparentes e com os fatos de banho... E não se devem esquecer que a vermelhidão da pele, os pontos negros e tantos outros defeitos da pele aparecem impiedosamente ao sol, — sem haver cremes ou

quaisquer preparados que os possam ocultar... E mesmo as mulheres bonitas, durante as longas horas passadas ao ar livre, nos campos ou no mar, terão de lutar desesperadamente contra o aquecimento muito demorado da pele, contra a poeira que se infiltra no cabelo e até contra os terríveis raios do sol, — que escurecem a pele mais do que a moda ordena...

Para continuarem a ser sedutoras, mesmo durante a canícula, é necessário parecerem a todos os momentos frescas e bem dispostas. Ora isso não custa nada, e é por isso que eu me propus desvendar nesta página alguns segredos de beleza das mais galantes e simpáticas artistas do cinema...

Não ha um único exemplo de uma mulher não poder reagir contra as suas imperfeições físicas...

Aí vai um caso para convencer e consolar as que estão prestes a renunciar, a desistir... Em certos filmes vemos por vezes uma das nossas «vedetas» favoritas aparecer com um aspecto de uma mulher terrivelmente banal, insignificante, — e na bobine seguinte ela transforma-se pelo amor do galã na mais sedutora e galante das criaturas... E' o que sucedeu a Lily Damita no seu recente filme «Sejamos alegres»... Para se tornar uma encantadora mulher só foi necessário passar sucessivamente pelas mãos do cabeleireiro, do «maquilleur» e do costureiro...

Reparem nos cabelos de Greta Garbo: são lisos como baquetas de tambor, escorregadios... Sim, são lisos, mas ela pôde com a ajuda dum bom cabeleireiro mudar constantemente de penteado, — e nós nunca a vemos no «écran» com o mesmo penteado.

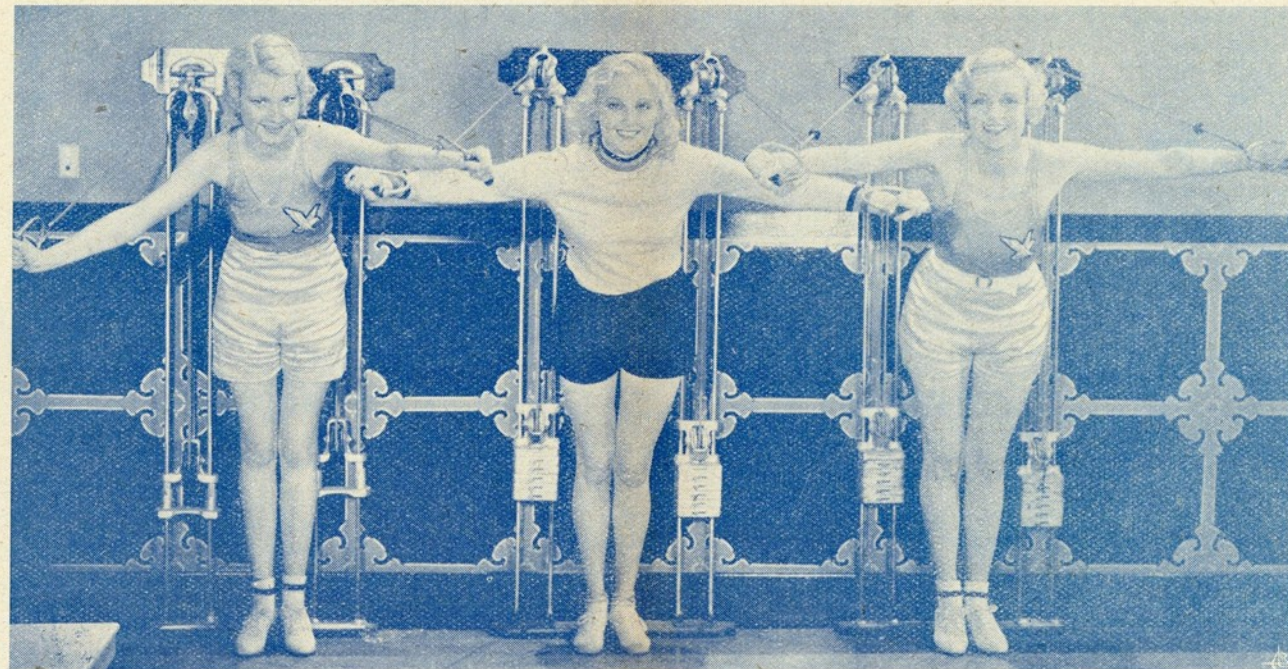
Marlene Dietrich, para lutar contra os pontos negros, usa massagens apropriadas depois das lavagens e emprega

(Continua na página 14).

Lilyan Tashman preconiza o emprego dum ovo cru, aplicado segundo a sua opinião, no rosto...

Thelma Todd faz todas as manhãs exercícios ginmásticos com várias companheiras...

Greta Garbo, com a ajuda dum bom cabeleireiro, pôde mudar constantemente de penteado...





# Dentro e Fóra dos Estudios

**A** acaba de se estrear no teatro «Cam-poamor», de Habana, o fonofilme em espanhol «Homens da minha vida», cujos principais intérpretes são Lupe Velez, Ramon Pereda, Gilbert Roland e Carlos Villarias.

Foi um verdadeiro sucesso, confirmando-se assim plenamente os prognósticos de êxito desta película feitos durante a projecção privada em Nova York perante os representantes da imprensa.

Joan Crawford, logo que terminou a sua interpretação em «Letty Lynton», presenteou o realizador Clarence Brown com um lindo relógio de ouro, como recordação do seu trabalho em comum, naquela película da «M-G-M». Clarence Brown, que dirigiu «Emma», «Inspiration» e «A Free Soul» está presentemente na Europa, mas, antes de partir, firmou novo contrato com a «M-G-M».

Acaba de ser aprovado em Washington o projecto Dickstein pelo qual os artistas estrangeiros não poderão trabalhar em Hollywood, salvo os que demonstrarem qualidades extraordinárias.

Os estúdios Jacques Haik estão preparando «As Vinhas do Senhor», de que Victor Boucher será o protagonista. Simone Cerdan, que ha pouco vimos em «Paritr» será, provavelmente, a primeira actriz.

Escolhendo sempre as películas de maior interesse para os públicos espanhol-americanos, a «Columbia» decidiu editar com legendas sobrepostas em espanhol quatro dos seus recentes êxitos na América do Norte: «El Testigo invisible», em inglês «The Secret Witness», «El Medico Asesino», em inglês «Behind the Mask»; «Redes Passionales», com o título «Final Edition»; e «El corazon manda», em inglês «Love affair».

John Miljan, o conhecido «vilão» actualmente contratado pela «M-G-M» é pai, desde ha poucos dias, dum interessante garoto. Polly Moran, a não menos conhecida actriz cómica daquela casa, escreveu uma carta a John Miljan, em que dizia: «... e desejo que o seu filho cresça sem que nunca chegue a saber o «patife» que tem sido o seu pai».

Na próxima segunda-feira, 23 de Maio, Esther Ralston aparecerá em pessoa no cinema «Palladium», de Londres, num acto de canto e dança.

Louise Fazenda foi contratada pela «Universal» para interpretar uma série de comédias de duas partes, a primeira das quais é «Tonight's the Night» («Esta noite é a noite»), sob a direcção de James Horne.

«Brief Moment», a obra de S. N. Behrman que teve uma larga temporada em Broadway, foi adquirida pela «Columbia». Bárbara Stanwyck interpretará o principal papel desta película.

«Um breve instante» é uma comédia dramática baseada na vida de uma can-

tora popular casada com um jovem da alta sociedade, passando-se a sua acção num ambiente da vida boémia e nas noites de prazer do grande mundo.

Na quinta-feira, 12 do corrente, estreou-se com grande sucesso, no «Rivoli», de Nova-York, o versão inglesa de «O Congresso que Dança», com Lillian Harvey, distribuída na América pela «United Artists».

Al Jolson vai começar dentro de poucos dias a fita «Heart of New York» («Coração de Nova-York»), para a «United Artists», sob a direcção de Harry d'Arrast e supervisão de Lewis Milestone.

Lewis Stone, da «M-G-M», é um dos homens mais taciturnos de Hollywood. Quando dirige a alguma pessoa mais do que três ou quatro palavras, já está a pedir-lhe desculpa por ter falado demasiado.

«Attorney for the defense» — «O advogado defensor» — é uma nova produção da «Columbia» com Edmund Lowe, Evelyn Brent e Constante Cumming.

## Josef von Sternberg e Marlene Dietrich fazem as pazes com a «Paramount»

*Depois duma demorada conferência entre B. P. Schulberg, director da produção da «Paramount» em Hollywood, e o realizador Josef von Sternberg, ambos chegaram a acôrdo, tendo Von Sternberg recomençado imediatamente a direcção de «Blond Venus», com Marlene Dietrich, que por sua vez acedeu a continuar a interpretar aquela película.*

Miriam Hopkins, a «estrela» da «Paramount» que ha pouco vimos em «O Tenente Sedutor», acaba de adoptar uma criança do sexo masculino, que recolheu numa Maternidade de Chicago.

Joan Crawford, emprestada pela «M-G-M» à «United Artists», está interpretando para esta casa a fita «Rain», com Walter Huston.

Alice Day foi contratada para primeira actriz da fita «Two-Fisted Law», que a «Columbia» vai filmar com Tim McCoy como protagonista.

Dorothy Jordan vai interpretar para a «First National», com Richard Barthelmess, a fita «The Cabin in the Cotton», sob a direcção de Michael Curtiz.

Vai começar a filmagem das seguintes produções «Columbia»: «Hollywood Speaks» («Hollywood fala»), argumento de Norman Krasna e Jo Swerling, direcção de Eddie Buzzell; «War corres-

pondent» («Correspondente da guerra») com Jack Holt e dirigido por Paul Sloane; e «Murder of the Night Club Lady» («Um crime passional»), dirigido por Harlan Thompson.

Teem estado em Londres os realizadores Alfred E. Green e John Adoff, da «Warner», bem como o director de produção desta marca, Darryl Zanuck, aonde foram estudar de perto os planos do novo estúdio da «Warner» em Teddington, perto de Londres. Tambem pensam construir um estúdio, ou pelo menos, produzir fitas em Paris.

A peça francesa «A Garra», de Henri Bernstein, está sendo filmada pela «M-G-M» com o título «Public Life» («Vida Publica»), sob a direcção de Charles Brabin. Lionel Barrymore é o principal interprete, com Karen Morley, Nils Asther, Diane Sinclair e Berton Churchill.

Abel Gance pensa realizar «Mater Dolorosa» nos estúdios Braunberger-Richebé, de Billancourt. Gance já dirigiu há muitos anos «Mater Dolorosa» como silencioso.

Maurice Chapreau, o antigo colaborador de Louis Feuillade, realizador como êle, de alguns filmes em episódios, vai fazer para a «G. F. F. A.» um sketch policial com o título «Haut les mains» («Mãos no ar»).

William Boyd e sua esposa Dorothy Sebastian pensam vir à Europa dentro de poucas semanas. Será a primeira viagem de William Boyd ao estrangeiro.

Thea von Harbou já terminou o cenário de «O Testamento do Dr. Mabuse», a a próxima fita de Fritz Lang para a «Nero».

A «M-G-M» adquiriu os direitos de filmagem da peça «La Tendresse», de Henri Bataille, que em 1922 foi representada em Broadway com Ruth Chatterton e Ronald Colman.

Gloria Swanson está interpretando em Londres, para a «United Artists», a fita «The Perfect Understanding», para a qual alguns exteriores serão tirados em França.

Douglas Fairbanks e a sua companhia estão de regresso de Tahiti, filmando nos estúdios da «United Artists», em Hollywood, alguns interiores da sua fita «Robinson Crusoe dos Mares do Sul». Marla Alba e William Farnum fazem parte do elenco. Edward Sutherland é o realizador.

António Moreno já terminou no México a segunda fita para a «National Productions», que leva o título «Eagle Facing the Sun» («A Águia em frente do Sol»).

Na nova fita de Buster Keaton «Speak Easily», para a «M-G-M», entram Jimmy Durante, Ruth Selwyn, Henry Armetta e Hedda Hopper.

C  
I  
N  
E  
M  
A  
10

# Escorregar não é Cair

(Le Petit Ecart)

Realização de Reinhold Schuenzel e Henri Chomette. Decoração de Schlichting. Produção da «Ufa»

Distribuído pela Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda.

## PRINCIPAIS INTERPRETES

Lucien Baroux.....Martial Eppmann  
André Berley.....Auguste Becker  
Jeanne Boitel.....Jacqueline Heller  
Richard Wilm.....Bernard Heller  
Louise Lagrange.....Lona Lagrange

O dr. Bernard Heller, jovem advogado em moda, que os êxitos femininos haviam celebrado antes do seu casamento, formava agora com sua mulher, a meiga Jacqueline, um matrimônio terno e muito unido. Nenhuma nuvem tinha ainda empanado o céu puro daquela felicidade. Uma noite, porém, quando Jacqueline se preparava para ir a casa do magistrado Eppmann, em que ela e Bernard deviam jantar, o marido entrou e anunciou-lhe, muito contrariado, que não podia acompanhá-la. Surgira-lhe, à última hora, uma entrevista, a que não podia faltar, com um cliente.

Esta causa, afinal, não passava dum pretexto, porque Bernard ia, de facto, encontrar-se com uma das antigas amantes num gabinete particular. Tratava-se de Lona Becker, que estava ameaçada por um vigarista e que reclamava os conselhos do jovem advogado.

Um incidente telefónico revelou, porém, a Jacqueline a verdade sobre as supostas ocupações de Bernard, e, logo que ele saiu, deixando-a só, a jovem esposa, furiosa, resolveu ir também divertir-se.

Entretanto, o magistrado Martial Eppmann, celibatário bastante tímido, aguardava os seus convidados e já come-



çava a impacientar-se com a demora. De súbito, a campainha do telefone tocou: era Jacqueline que, havendo-se esquecido de levar dinheiro, pedia a Martial que fosse tirá-la de apuros na *boite* nocturna em que se encontrava, «Le Petit Ecart». Espantado, nada compreendendo, Martial dirige-se, contudo, ao «Petit Ecart» e ali encontrou Jacqueline, já muito satisfeita com a absorção de grande número de *cocktails*.

— E Bernard? — perguntou Martial, cada vez mais intrigado.

— Bernard diverte-se por seu lado, — responde Jacqueline com a maior despreocupação.

Mas a verdade é que Bernard não se divertia nada. Chegando ao local da entrevista que lhe fixara Lona Becker, esteve para se envolver em desordem com o pianista do estabelecimento, e, depois de conversar meia hora com a antiga amante, compreendeu que a história da chantagem era uma pura invenção e re-

tirou-se irritadíssimo, por ter caído num logro. Mas Lona Becker não se deu por vencida; seguiu-lhe na peçugada e viram-se ambos na rua, debaixo duma chuva torrencial, em busca dum taxi impossível de encontrar.

A' mesma hora, saíam Jacqueline e Martial do «Petit Ecart», e como ela não quisesse recolher ao domicílio conjugal, o magistrado, a pesar dos seus escrúpulos, e bem contra vontade, teve de levá-la para a sua residência. Subiram ambos para o automovel de Martial e, minutos depois, chegavam a casa do magistrado, que deixara o carro à porta.

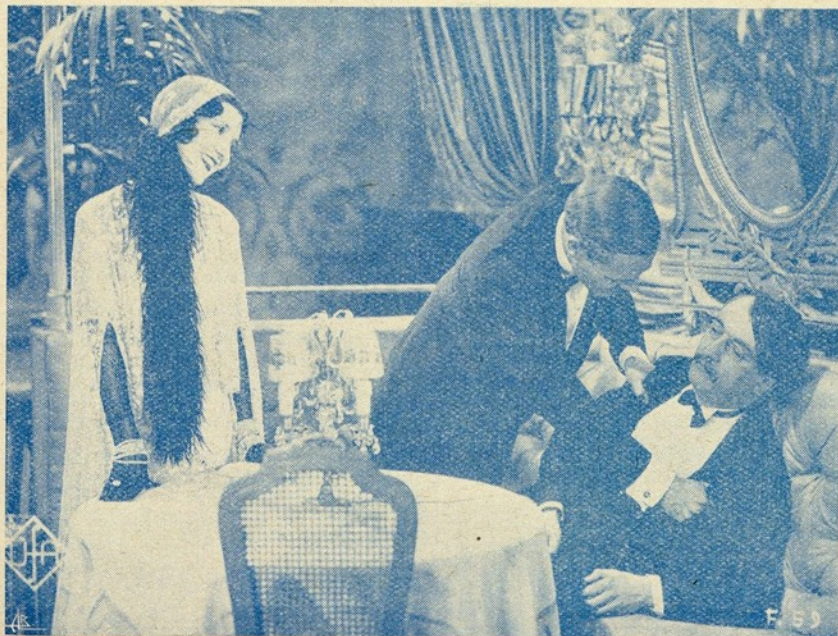
Ora, Bernard e Lona, após uma infrutífera caminhada debaixo dum aguaceiro persistente, descobriram o carro que Bernard conhecia muito bem. «E' o automovel de Martial... Aproveitêmo-lo!»

Partiram, dispondo-se Bernard, sempre irritado, a reconduzir Lona a casa. Mas, de repente, o auto derrapou no asfalto escorregadio e foi de encontro a outro carro. Ressoou um duplo grito: «Minha mulher!» — «Meu marido!» Com efeito, o condutor do outro carro era nem mais nem menos o sr. Becker, marido de Lona e cliente de Bernard.

O advogado pôs-se imediatamente em fuga, Becker, de relance, conseguiu tomar nota do carro e no primeiro posto policial, obteve a direcção do proprietário, correndo, bem entendido, à habitação de Martial...

O infeliz magistrado viu chegar a sua casa, em plena noite, aquele energúmeno desconhecido, que o acusava de lhe haver danificado o carro e lhe reclamava a mulher. Espanto de Martial e ameaças do outro, que só se retirou constangido e forçado pelo porteiro, mas afirmando que ia pedir imediatamente o divórcio.

No dia que se seguiu aquela noite agitada a situação era a seguinte: Bernard ignorava onde se encontrava sua mulher; Jacqueline despertava no domicílio de Martial, onde passara a noite, dando conta, enfim, da imprudência cometida. Becker apresentava-se no escritório de Bernard, intentando um processo de divórcio em que acusava Martial. E



(Continua na página 15).

**H**a pouco mais de um ano, Miriam Hopkins era sómente uma loira muito magra e sem a menor importância, que queria ser actriz de cinema. Muitas das pessoas das suas relações aconselharam-a a que deixasse de ter ilusões sobre um brilhante futuro no cinema e que voltasse para o teatro, onde fazia papéis de ingénua.

Mas de repente, em poucos meses, Miriam converteu-se numa grande artista. Hoje é encantadora e voluptuosa, — e um perigo para os actores que trabalham com ela, pois costuma levar a palma a todos...

Como foi isto? E' muito simples...

Miriam, não se sabe como, conseguiu adquirir essa magnífica e misteriosa qualidade que em Hollywood se chama «glamour» e que não é senão a fascinação, qualidade indispensável para triunfar hoje em dia no cinema.

E de que maneira adquiriu essa qualidade tão surpreendente?... Não o sabemos dizer, porque se o soubéssemos não estavamos em Portugal a escrever sobre cinema, mas sim em Hollywood a vender o precioso segredo e a meter dólares reluzentes no bolso...

Miriam é uma mulher muito compassiva e tolerante. Casou-se com o escritor Austin Parker, do qual está actualmente separada, e ha algumas semanas surpreendeu Hollywood com estas palavras ao despedir-se de um grupo de amigos que a convidara para jantar: «Obrigado, mas não me posso demorar. Meu marido avisou-me que esta tarde ia levar a sua noiva a tomar chá em nossa casa e ficava-me mal se chegasse tarde... Não quero ser descortez com a minha afortunada sucessora!...» E com um sorriso encantador deixou os seus companheiros cheios de assombro e foi para casa para receber o marido e a noiva dele... Pelo visto, o divórcio entre Austin e Miriam será de pronto um facto.

Miriam acaba de terminar «O Homem e o Monstro» com Rose Hobart e Frederic Marsh e agora encontra-se fazendo «Bailarinas na Escuridão» com Jack Oakie.

Miriam Hopkins é uma mulher encantadora, culta e compassiva, é hoje uma das mulheres mais perigosas que circulam por Hollywood. Não queremos dizer com isto que Miriam seja má, — mas sómente que se converteu numa mulher tão encantadora, tão fascinante que todos os homens correm perigo iminente de cair nas suas rédes de sedução.

Não ha muito tempo que a «Paramount» lhe elevou o ordenado e quasi se pode assegurar que antes do fim do ano o seu nome brilhará por cima do titulo da película, — o que quer significar que será «estréla». Miriam e Sylvia Sidney são as duas raparigas que recebem maior numero de correspondência nos estúdios «Paramount», — e a quem nem a própria Marlene Dietrich consegue fazer competência.

Foi durante a filmagem de «O Ho-

# Miriam Hopkins

mem e o Monstro», que Frederich Marsh e Miriam Hopkins tiveram ocasião de demonstrar que nem sempre as «estrélas» tem inveja umas das outras. Junto com Rose Hobart, — a «estréla» que formava o interessante e valioso terceto da película —, assombraram o estúdio com o seu nobre espírito de camaradagem. Frederich, por causa da lenta maquilhagem que continuamente tinha que pôr e tirar para interpretar o duplo personagem do Dr. Jekyll e de Mister Hyde, deu



Miriam Hopkins, a nossa conhecida Princesa de Flausenthurm (com «h») está impondo-se como actriz de primeira categoria, de tal forma, que Mestre Lubitsch a escolheu para protagonista da sua próxima fita. Parabens, Miriam Hopkins! Ou, melhor, parabens, Herr Lubitsch!

infinitas ocasiões para que ambas as raparigas se aborrecessem de estar à sua espera para começar a filmagem.

Durante esse tempo as duas raparigas tinham que contentar-se em esperar, perdendo assim um tempo precioso que podiam passar a divertir-se ou a fazer compras. Ambas afirmaram, porem, que valia a pena ter paciência, porque o filme é uma obra prima, muito superior por todos os conceitos à versão muda que John Barrymore fez com tanto acerto ha alguns anos.

«O Homem e o Monstro» é uma película espectacular, electrizante, que infunde terror aos espectadores e os faz vibrar de sentimento com os sofrimentos do protagonista, em cujo ser lutam duas naturezas diferentes, — a de um homem generoso e digno e a de um monstro asqueroso e sem nenhum sentimento de nobreza.

Miriam achava graça às esperas e ensaios e por mais de uma vez animou o seu companheiro para não desanimar no lento e arduo trabalho de mudar de maquilhagem.

Miriam e Frederich haviam trabalhado juntos no teatro anos atrás e Rose Hobart e Florence Eldridge, a esposa de Frederich, tambem se haviam conhecido no teatro quando esta última ainda trabalhava, ou seja, antes de se casar com o actual favorito cinematográfico.

## Nesta semana fazem anos:

De 28 de Maio a 3 de Junho

- |       |    |                                  |
|-------|----|----------------------------------|
| Maio  | 29 | — Zelma O'Neal.                  |
|       | 30 | — Stepin Fetchit (30).           |
|       | 30 | — Howard Hawks, realizador (36). |
|       | 31 | — Ann Christy.                   |
|       | 31 | — Kathryn Williams.              |
| Junho | 1  | — Clive Brook (41).              |
|       | 2  | — Hedda Hopper.                  |

«Nascido com má Sorte» é o titulo da nova produção de Buck Jones com o qual Lina Basquette reaparecerá no «ecran».

## Efemérides da semana

De 28 de Maio a 3 de Junho

- |       |           |   |
|-------|-----------|---|
| Maio  | 30 (1899) | — Nasce Irving Thalberg, hoje produtor associado da «M G M» e marido de Norma Shearer.              |
| Junho | 1 (1930)  | — Embarca para a América, contratada pela «M G-M» a actriz espanhola Conchita Montenegro.           |
|       | 2 (1921)  | — Estreia-se no «Olimpia», de Lisboa, a fita em séries «Aventuras de Chéri-Bibi», com René Navarre. |
|       | 3 (1929)  | — Joan Crawford casa com Douglas Fairbanks Jr.  |

# A batalha dos idiomas

O cinema sonoro luta desesperadamente com o sotaque estrangeiro das «estrelas». Um grande número das «estrelas» favoritas são do lado de cá do Atlântico e se bem que quasi todas dominam com relativa perfeição o idioma inglês, quasi sempre se nota um ligeiro acento estrangeiro.

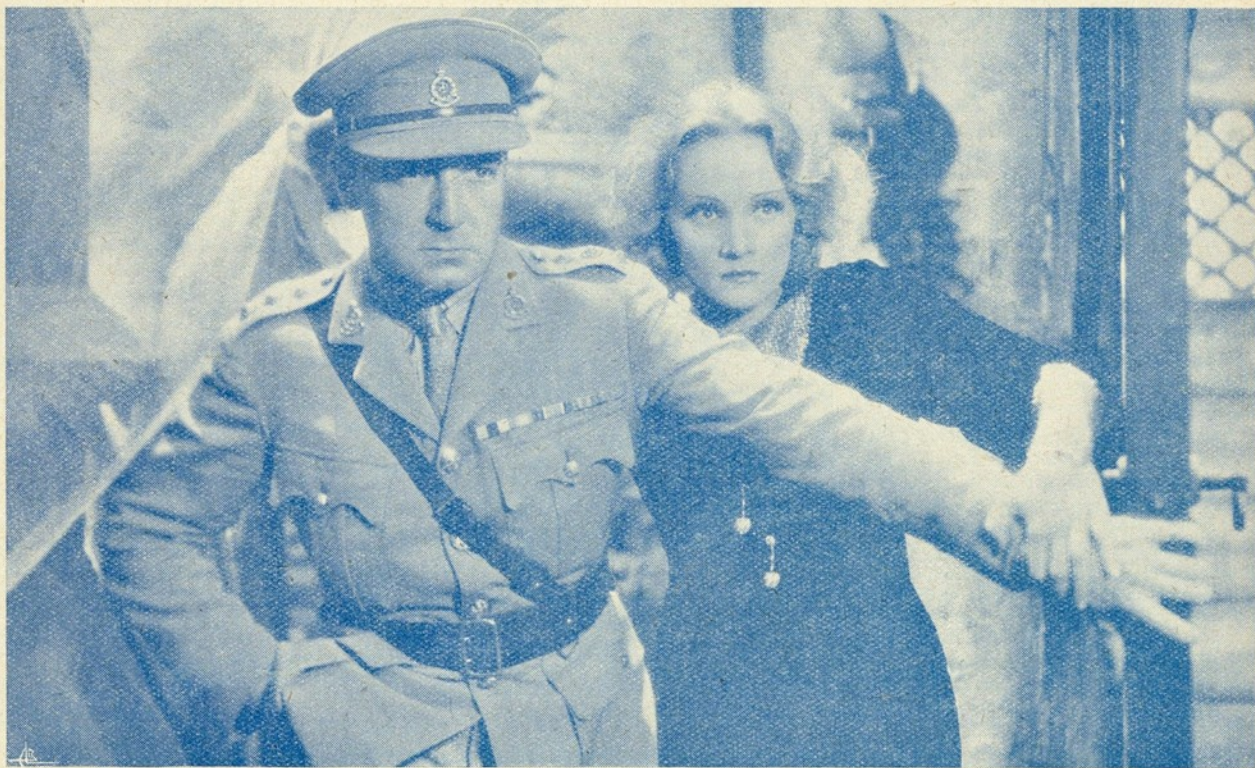
Marlene Dietrich é o caso mais notável do cinema falado. Depois do seu triunfo em «O Anjo Azul» ao lado de Emil Jannings, Josef Von Sternberg levou-a para Hollywood para fazer fitas faladas em inglês, — e Marlene não sabia mais do que quatro frases em inglês!... Mas nem por isso desanimou, e com afincos e fé poucas vezes igualadas dedicou-se completamente ao estudo da linguagem americana, conseguindo dentro de poucos meses causar o assombro do mundo inteiro com o seu inglês de «Marrocos». Claro está que se notava um ligeiro

acento estrangeiro, mas era coisa de pouca importância. Em «Fatalidade», a sua segunda película em inglês, a melhoria foi tam notável que fóra duas ou três palavras pronunciadas durante a película, o seu sotaque nada tinha que invejar ao das melhores «estrelas», americanas de nascimento. O triunfo definitivo de Marlene Dietrich foi sem dúvida na noite da estreia de «Shangai-Express». O seu papel nesta película é talvez ainda mais espectacular e excitante que o da jovem espia de «Fatalidade», com a vantagem de haver abolido por completo o seu sotaque ligeiramente alemão.

Clive Brook, seu companheiro de triunfo nesta película, diz que sente uma ilimitada admiração por Marlene. Quando está em cena não descansa senão quando o director lho ordena, e logo começa a discutir o trabalho feito com o realizador e com os outros actores; val

depois para o seu camarim e não volta a sair daqui sem que a avisem de que tem que voltar ao set para filmar outra cena.

—A princípio julguei que se retirava para descansar, mas depois soube que era para estudar. Várias pessoas lhe disseram que os meus conselhos poderiam ser-lhe de utilidade, porque sou inglês de nascimento, e desde então eramos os dois que íamos para o seu camarim depois da filmagem das cenas. Grande foi o meu prazer por trabalhar com ela em «Shangai-Express», mas maior foi ainda o estudo sem descanso que fez e ainda faz do meu idioma. Marlene Dietrich é uma mulher constante e trabalhadora que está destinada a triunfar do público e dos boatos que começam a rodear a sua vida de escândalo, como tambem do ligeiríssimo acento que ainda, de vez em quando, nos faz reeordar que não é de origem inglesa ou norte-americana».



## “SHANGAI-EXPRESS”

Tôda a grandeza tumultuosa dum filme, o seu estilo breve, sacudido, terrivelmente vivo, o esplendor das suas imagens sombrias, a montagem admiravel das cenas envolvidas numa atmosfera extraordinária... Tudo isso faz de «Shangai-Express» o todo admiravel que se pode qualificar uma obra-prima. Ha mesmo quem tenha afirmado já que o «Shangai-Express» é a obra-prima de Sternberg. Com efeito, reconhece-se nele a vigorosa expressão visual das «Vidas Tenebrosas», a estranha doçura das «Docas de Nova-York»; e, no entanto, ha nele um caracter de fatalidade e um cheiro a sangue e a morte que participam unicamente deste filme e de nenhum outro. Obra rigorosamente original, «Shangai-Express» é maravilhosamente interpretado por Marlene Dietrich, mais humanizada, menos vamp, mais mulher, pelo elegantíssimo e distinto Clive Brook, por Anna May Wong, figurinha enigmática, Gustav von Seyffertitz, impressionante sob a sua aparência de degenerado, Warner Oland, que retoma talentosamente os seus papeis preferidos de chinês maléfico, e o cordeal e cáustico Eugène Pallette, o menos convencional possível no seu papel de chocarreiro de viagem. — Do *Cinémonde*.

# Pelos nossos Cinemas

*Nada mais ha a dizer sobre "Luzes da Cidade". Limite-me a transcrever o que, sobre este filme, disse no "Trindade-Programa":*

"LUZES DA CIDADE", que ora se exhibe, tem contra si um *handicap* tremendo, paradoxal: sendo um filme quasi silencioso, tem sido *demasiado falado*.

Na verdade, tem-se falado muito em «Luzes da Cidade».

O facto de Charlie Chaplin ter demorado perto de três anos a produzir este filme; o seu divórcio sensacional que o obrigou a interromper a realização; a particularidade de Chaplin, em pleno exito do sonoro, produzir «Luzes da Cidade» quasi como filme silencioso; o seu enorme exito no estrangeiro (este filme conservou-se no cinema «Marigny», de Paris, durante 29 semanas!); a vinda de Charlie Chaplin à Europa, a acompanhar a estreia da fita em Londres, Paris e Berlim, e muitos outros motivos, criaram à volta de «Luzes da Cidade» um ambiente de tal expectativa, de tal curiosidade, que difficilmente tal curiosidade e tal expectativa podem ser amplamente satisfeitas. Sempre se pede mais, se exige o impossível!

«Luzes da Cidade» não pode ser olhada como uma obra divina, irrealizável, imaterial. Tem que ser encarada como um trabalho se não palpável, pelo menos visível e parcialmente audível, absolutamente material, saldo do esforço do homem. E, recebida como tal, «Luzes da Cidade» é uma obra-prima, em que Charlie Chaplin se mostra, mais uma vez, o Mestre do cinema.

Examinemos «Luzes da Cidade» sem paixões nem qualquer dos factores influentes a que atrás me refiro. Vejamos «Luzes da Cidade» com a simplicidade com que vimos «Charlot nas Trincheiras», «A Quimera do Ouro» e «O Circo». Observe-se — e, para isso, talvez seja preciso ver o filme mais do que uma vez — da primeira à ultima parte, a série de «pequenas nadas» que formam um todo muito grande, que constituem as bases da «maneira» de Chaplin e que cimentam a sua arte — única, inconfundível.

Veja-se, com olhos de ver — e apenas cito esta seqüência, como exemplo — esse desafio de boxe, a que o pobre vagabundo se sujeita, êle, quasi esquelético, enfrentando um gigante, jogando o seu corpo numa probabilidade diminuída de conseguir o dinheiro de que carece a pobre da ceguinha sua protegida! Que de pormenores de idealização cômica e que de humanidade servem de motivo a tal seqüência! E não me venham dizer que Buster Keaton tambem nos deu quadros engraçadíssimos semelhantes em «Boxeur por amor dela»! Semelhantes na construção cômica, talvez! Mas não na subtilidade da sua utilização nem nos motivos construtores de finalidade idiológica, em que ha espirito elevado, em que ha uma boa dose de humanidade, em que ha pedaços de tragédia shakspear-

iana a tirar ao filme — como a todos os filmes de Charlot — as características da comédia burlesca, para o transformarem numa obra feita, completa, num trabalho cinegráfico que é sempre uma lição, uma produção que é uma fonte onde podem ir beber os que tenham de aprender, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, — o que menos interessa ao bom cinéfilo mas que importa muito, infelizmente, ao público em geral — um espectáculo que se vê com o maior prazer, a despeito mesmo dos momentos em que o coração vibra sensibilizado, mais que a vista, mais que o espirito.

E é neste ponto que pode residir o único «senão» de «Luzes da Cidade». Chaplin, mais que em «A Quimera do Ouro», e que em «O Circo», uzou da peripécia sentimental para tornar mais saliente o episódio cômico — que pode desagradar ao espectador que, ao ver um filme de Charlot, pretende apenas rir.



Mas nem por isso «Luzes da Cidade» deixa de ser um excelente trabalho fílmico, uma obra que alinhará junto dos «clássicos» de Charlot, uma produção que ficará muito bem na mais escolhida e exigente das cinamatecas.

Autor: Charlie Chaplin. Cenarista: Charlie Chaplin. Fotografos: Rollie Totheroh, Gordon Pollock e Mark Marklatt. Decorador: Charles D. Hall. Realizador: Charlie Chaplin. Realizadores assistentes: Harry Crocke, Henry Bergman e Albert Austin. Intérpretes: A *Cega*, Virginia Cherril; *Sua avó*, Florence Lee; *O milionário excentrico*, Harry Myers; *Seu criado*, Allan Garcia; *O "boxeur"*, Hank Mann; *O Vagabundo*, Charlie Chaplin.

Produzida em 1928-30 pela «Charlie Chaplin Prod.» («United Artists»). Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Trindade» e «Águia d'Ouro» em 23 de Maio de 1932.

A PURA VERDADE (Rien que la Vérité): — A peça de James Montgomery (que Estevão Amarante levou ha pouco ha cena com o titulo «Três contra Um») tem graça. Está bem imaginada.

Do fulcro de toda a história — a aposta original dos três amigos — surgem peripécias vovodilhescas, assentes em convencionalismos que são aceitáveis em obras do género, feitas sem outra preocupação que não seja a de fazer rir.

E esse objectivo consegue-o a versão francesa de «Only but the Truth», se bem que a realização de René Guissart não vá além duma representação teatral, à mistura com cantigas desnecessárias e fôra de propósito.

Meg Lemonnier, bonitinha, mas com pouco que fazer. Saint-Granier cômico de valor muito relativo, prejudicado pelas muitas caretas que faz, a demonstrar que as suas qualidades de actor de teatro ainda não se amoldaram às exigências do cinema. Notável a interpretação caricatural de Pauley, no Reverendo.

«A Pura Verdade», fraquinha de realização, desprovida de qualidades cinematáticas, é uma fita que faz rir. E é só.

Autor: James Montgomery. Adaptador: Saint-Granier. Operador: René Dantan. Decoradores: Ménessier e René Renoux. Realizador: René Guissart. Intérpretes: Saint-Granier, Meg Lemonnier, Pauley, Armand Lurville, Janine Voisin, Marcelle Praince, Etchepare.

Produzida em 1931 pela «Paramount» (França). Programa «Paramount Films S. A.» Estreada no «Olimpia» em 23 Maio 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

## Correspondência

(Continuação da página 2)

Claudete. Não me parece que «Cimarron» venha a Portugal, pelo menos esta temporada. É uma fita no género da «A Caravana Gloriosa» ou «A Pista dos Gigantes», muito embora com outras qualidades, mas os alugadores tem medo... Foi dirigida por Wesley Ruggles, com cenário de Howard Estabrook. Produzida pela «RKO-Radio».

EU NÃO SEI NADA, PORQUE... O SR. SABE TUDO!: — Isso é modestia! 1.<sup>a</sup> — A fita «Campinos» não será filmada no Porto, pois já está pronta. 2.<sup>a</sup> — «Mata-Hari», com Ramon Novarro e Garbo, só na próxima temporada. 3.<sup>a</sup> — O que é que eu não sei? O número da Sorte Grande.

Sim, senhora, como «eu sei tudo», já esperava esta sua carta. Assim como tambem já estou à espera doutra, porque Você não maçã nada! Antes pelo contrário.

EU SEI TUDO.

## Alguns segredos de beleza revelados às leitoras de «Cinema»

(Continuação da página 9)

um creme refrigerante com um pequeno vidro redondo envolvido por um tecido fino. Diz ela que dá excelentes resultados... Porque não experimentam?... Lilyan Tashman preconisa o emprego

dum ovo cru... Aplicado sobre o rosto, ele seca e forma uma máscara que se retira no fim de alguns minutos com um pouco de água quente... É uma velha fórmula de beleza — já usada pelos egípcios...

Thelma Todd faz todas as manhãs exercícios gymnásticos para conservar a sua beleza e o seu vigor físico. Depois toma uma «douche» de água fria, que a torna bem disposta...

As raparigas portuguesas precisavam de fazer como Thelma Todd. Vá lá, sejam da sua época!... Deitem fóra certos preconceitos descabidos... Façam gymnástica, cultivem a beleza!...

MARIA EDUARDA.



## Escorregar não é Cair

(Continuação da página 11)

Martial aparecia pouco depois, dizendo que Jacqueline era sua noiva, porque ela passara a noite de baixo do seu tétó! Bernard, que a princípio duvidara, encheu-se de cólera e preparou o seu próprio divórcio.

A chegada de Jacqueline tornou ainda mais crítica a situação. Ela e o marido fizeram-se mútuas acusações de infidelidade e a reconciliação parecia impossível.

Lona Becker, ameaçada de divórcio por seu marido, dirigiu-se por sua vez, furiosa, a casa do advogado, e foi recebida por Jacqueline, que lhe deu a conhecer que sabia tudo e que ia dizer a verdade a Becker. Lona protestou a sua inocência e a do companheiro nocturno. Naquele momento, apareceu Becker, vendo-se na presença de Jacqueline e de sua mulher. Foi Jacqueline que tomou a palavra:

— Sr. Becker acredite que está enganado; não foi sua mulher quem esteve esta noite em casa do magistrado Eppmann. Vou fornecer-lhe a prova.

Chamou Martial, que aguardava docilmente na sala de espera.

— Marcial, diga-nos quem esteve em sua casa esta noite.

Como ele se recusasse a falar ela intimou-o a que o fizesse. E Martial confessou:

— Era você, Jacqueline.

Grande sensação. Mas a jovem senhora continuou:

— Quanto à pessoa que estava com Lona, no momento do choque, era eu.

Bernard entrava neste momento na

sala. Compreendeu que Jacqueline, generosa, não queria destruir o lar de Becker, o qual, de facto, se viu obrigado a apresentar as suas desculpas à esposa.

Quando todos saíram, ficaram sós em presença, os dois esposos, após uma hesitação, caíram nos braços um do outro e reconciliaram-se num longo beijo.

# Incontestavelmente o melhor receptor é o

# M E N D E

## Sonora—Radio

### Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

## CINEMA SONORO

■ ■

UM EXITO INCOMPARAREL

## FATALIDADE (X-27)

Magistral desempenho de MARLENE DIETRICH, com VICTOR Mac LAGLEN, BARRY NORTON, GUSTAV VON SEYFFERTITZ

Realizador JOSEF VON STERNBERG

■ ■ ■

TEÇA-FEIRA, 31

OUTRO PROGRAMA SENSACIONAL

## O Misterioso DR. FÚ MANCHÚ

com WARNER OLAND, NEIL HAMILTON e JEAN ARTHUR  
e a engraçada comédia

## DIVERTIDO PARIS

### PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

## N.º 19

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do "CINEMA,"

Desconto de 40 % no "Trindade" e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE—Matinées de Quinta-feira e Sábado, 2 e 4 de Junho

OLYMPIA—Matinées de Quinta-feira e Sábado, 2 e 4 de Junho

BATALHA—Matinée de Quinta-feira, 2 de Junho

CINE-ODEON—Soirée de Sábado, 4 de Junho

IMPORTANTE.—As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

A

---

---

**NÃO ESQUEÇA QUE**  
**LUZES DA**  
**CIDADE**

a notável criação do famoso cómico  
**CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)**  
a-pezar do grande sucesso obtido nos  
Cinemas "TRINDADE" e "AGUIA D'OURO"  
dá no Domingo, 29, as ultimas exhibições



**É UM FILME DE**  
**CASTELO LOPES, L.<sup>DA</sup>**

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos.